

ESCOLA PÚBLICA DE SUCESSO, É POSSÍVEL?

MÁRCIO LEITE DE BESSA¹

INTRODUÇÃO

A qualidade da educação que é oferecida aos alunos, especialmente os da escola pública, é fator motivador de estudos de inúmeros programas de Pós-Graduações de diversos países, especialmente o Brasil. Busca-se entender os fatores que levam a decadência de um ensino público em detrimento de um ensino privado. Os fatores da ineficácia do ensino público vai desde a estrutura física ao profissional, que geralmente é mal remunerado e não teve formação adequada para seu exercício profissional.

Muitos saudosistas referem-se às escolas públicas que eles estudaram nas décadas de 60 e 70 do século passado como sendo uma escola de qualidade, que preparava os alunos para os desafios da sociedade daquele tempo. A escola tinha regra e currículo a cumprir, e cumpria de fato. No entanto, essa referência é um tanto viciada. A escola pública daquele tempo era elitista, poucos conseguiam se matricular e permanecer. Os que não conseguiam a matrícula na escola pública, restavam, quando tinham dinheiro, a escola privada. Nesse contexto, tinha-se uma escola pública de qualidade que atendia uma minoria e uma escola privada para os alunos remanescentes das escolas públicas.

Os indicadores de analfabetismo da época eram alarmantes. Segundo o IBGE² de 1960, a taxa de matrícula era de 31% da população em idade escolar, o que reforça a tese de que a maioria dos alunos não frequentava a escola (em torno de 70%).

Nas duas últimas década do sec. XX e primeira década do séc. XXI a escola pública se viu obrigada a universalizar o ensino, principalmente da educação fundamental. O número de alunos cresceu quase que numa progressão geométrica. Na escola pública de hoje, massificada e desprestigiada, há pobres, negros, brancos, mulatos, índios etc, alunos que provavelmente não estariam estudando naquele tempo. O grande desafio da escola pública hodierna é garantir educação de

¹ Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO.

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos68/cd_1960_v1_t9_mg.pdf

qualidade para todos os alunos, o que efetivamente não tem conseguido. Isso provocou uma inversão da lógica dos anos 60, porquanto a escola pública perdeu em qualidade e ganhou em quantidade de alunos, e a escola privada ganhou em qualidade e perdeu em quantidade. Segundo o Censo do MEC/Brasil, em 2012 havia 41,9 milhões de alunos em idade escolar matriculados na rede pública e 8,3 milhões alunos na rede privada.

Sacristán (2007) demonstrou que, na maioria das vezes, os pais de alunos da rede pública não estão preocupados com qualidade da educação recebida por seus filhos, para eles, ter os filhos matriculados na escola já é suficiente. Muitos pais sequer sabem do contexto da aprendizagem vivenciado por seus filhos na escola, atribuindo à escola a obrigação exclusiva de ensinar, já que pagam impostos por isso. Desse modo, os professores, agentes essenciais no processo educativo, devem fazer o milagre acontecer sozinhos.

O descaso centenário com a educação é uma explicação direta para a desigualdade de renda do país. No entanto, a cada década os problemas se agravam, se evoluem e arrastam a nação para um futuro incerto e desordenado. Sabe-se que baixa escolaridade leva à baixa produtividade de mão de obra, aos baixos salários, à favelização, à criminalidade etc. A escola tem como objetivo principal ensinar e, por extensão, o aluno deveria aprender, todavia esse não é contexto real de boa parte das escolas. O que sabemos sobre o ensino e a aprendizagem?

A GRANDE ARTE DE ENSINAR E APRENDER: O QUE SABEMOS?

Um dos grandes desafios dos docentes, na atualidade, é saber de fato se o aluno foi capaz de apreender o conteúdo ensinado. Ministras aulas é uma atividade que, para ser eficaz, precisa ser analisada por alguns fatores: O que é ensinar? O que é aprender? Daí surge o fator primordial: como efetivamente ocorre o processo de ensino e aprendizagem? Esses fatores determinam a eficiência, ou não, dos procedimentos utilizados.

Muitos docentes, por mais que tenham passado pelo curso superior, feito especialização, mestrado e até mesmo doutorado, são incapazes de desenvolver aulas dinâmicas, envolventes e criativas, que possibilitem o aprendizado

significativo, principalmente aos alunos da educação básica. Só são capazes de passar um cabedal de informações cuja aplicabilidade e função eles próprios muitas das vezes desconhecem. De acordo com Vygotsky (2008, p. 104):

A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pelo criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo.

As informações são, sem sombra de dúvidas, importantes. O que se precisa fazer é transformar informação em conhecimento, fazendo, deste último, utilidade para a vida. A isso está ligado o sentido de educação desenvolvido por Libâneo (2010, p. 30), que a considera como o “conjunto de ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais”. Ensinar com qualidade é um dos grandes objetivos da educação atual, sobretudo para aqueles que pretendem ingressar ou já ingressaram nas universidades. Em outras palavras, de acordo com Vygotsky (2007), isso está atrelado a uma aplicação do materialismo histórico e dialético. Rego (2011, p. 98) sintetiza o materialismo dialético e histórico com as seguintes palavras:

O sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

No entanto, dados assustadores divulgados pelo INAF³ (2011) demonstram que 38% dos estudantes de graduação são analfabetos funcionais. Eles são capazes de ler e escrever, mas não conseguem interpretar e associar informações. Para se ter uma ideia desse número de analfabetos funcionais, os dados do IBGE e PNAD⁴ demonstram que cerca de 30 milhões de estudantes ingressaram nos ensinos médio e superior entre 2000 e 2009. Já entre as pessoas de 50 a 64 anos, o índice de analfabetismo funcional é ainda maior, atingindo 52%. Segundo dados do

³ INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional, ligado ao IPM – Instituto Paulo Montenegro e ONG Ação educativa.

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.

IBGE de 2010, 60 milhões de brasileiros deixaram de completar o ensino fundamental. Sendo assim, o desafio da educação de qualidade no Brasil vai desde o Ensino Fundamental ao Ensino Superior.

Diante desses contextos, Vygotsky (2009, p. 171) nos mostra que:

Onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, não motiva nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com um extremo atraso.

Libâneo também salienta que uma das funções da escola enquanto promotora da educação formal é “encaminhar efetivamente a formação científica em função da consciência crítica, para além da conformação dos sujeitos ao que lhe impõe o meio social” (2010, p. 92).

Ensinar é tarefa complexa e, para exercê-la, é preciso que se tenha conhecimento e habilidade para compartilhá-la de maneira positiva, fazendo com que os alunos possam aprender e mudar sua maneira de se posicionar diante dos desafios cotidianos. Freire (1996) nos mostrou que ser professor é muito mais que uma profissão; é uma missão que exige comprovados saberes no seu processo dinâmico de promoção da autonomia dos educandos. Libâneo (2010, p. 72) reforça esse pensamento mostrando os significados da palavra “educar”, que, em latim, se refere a “*educare* (alimentar, cuidar, criar, referido tanto às plantas, aos animais, como às crianças) e *educere* (tirar para fora de, conduzir para, modificar um estado)”. Essas definições podem ser resumidas do seguinte modo: conduzir de um estado a outro; modificar numa certa direção o que é suscetível de educação.

A escola é um local onde as diversas aprendizagens formais acontecem. Todavia mantém-se outra questão: o que é aprender? Aprender significa adquirir a propriedade sobre conceitos de maneira contextualizada, estabelecendo relações e construindo autonomia de forma a habilitar-se para a busca, a aquisição e o uso de novos conhecimentos ao longo de toda a vida. Nesse contexto, encontra-se um dos grandes equívocos da educação atual. Os alunos não estudam para um aprendizado ao longo da vida, mas apenas para satisfazerem as exigências do momento e para tirarem notas, sendo, assim, aprovados. O professor, diante desse contexto, não consegue criar a tão necessária Zona de Desenvolvimento Proximal, que para Vygotsky (2007, p. 164) corresponde à:

[...] distância entre o nível real de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independentemente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados.

A Zona de Desenvolvimento Proximal define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais experiente. Falando de outra maneira, é a série de informações que a pessoa tem a potencialidade de aprender mas ainda não completou o processo, conhecimentos fora de seu alcance atual, mas potencialmente atingíveis.

A escola é uma das responsáveis por essa cultura. As avaliações e os trabalhos acadêmicos nem sempre são eficazes para levar o aluno a aprender de fato. Elas funcionam como instrumento de poder dentro do contexto da sala de aula. Desse modo o aprender fica renegado a segundo plano. No entanto, quando os alunos são submetidos a exames a fim de medirem rendimento conteudista, não são capazes de demonstrar quase nada, apresentando no máximo conhecimentos elementares. Os últimos resultados do SAEB⁵, especificamente do ENEM⁶, reforçam esse pensamento. À vista disso, a escola parece não estar cumprindo seu papel determinado pela LDB 9394/96⁷ de tríplice natureza: “o pleno desenvolvimento do educando, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho”, conforme salienta Carneiro (2002, p. 33).

O que devia ser regra acaba virando exceção. Onde estão as escolas públicas de qualidade? Escolas, temos aos milhares, todavia é comum alguns se questionarem: A escola pública é ineficaz em todo mundo? Há escola pública que desenvolve cognitivamente seus alunos? Qual a proposta pedagógica e a concepção de ensinar e aprender de uma escola pública de qualidade? Como é o processo avaliativo do aluno dessa escola?

Buscando resposta para essas questões foi feito um estudo em duas escolas públicas da cidade de Luzern, na Suíça. País que concentra 95% de escolas públicas com qualidade. No intuito de conhecer o contexto dessas duas escolas

⁵ SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica.

⁶ ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Substituto dos vestibulares tradicionais na maioria das universidades brasileiras.

⁷ Lei das Diretrizes e Bases da Educação, aprovada em 20 de dezembro de 1996.

públicas, foi permitido a participação do pesquisador e de sua irmã Sandra Regina Leite de Bessa⁸ em aulas, reuniões pedagógicas e entrevistas com o diretor e coordenador da escola.

O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUÍÇA: O QUE APRENDEMOS?⁹

A educação pública oferecida aos alunos das escolas suíças se destaca no cenário mundial, equiparando aos resultados da Suécia, Finlândia, Noruega e Dinamarca. A educação básica obrigatória com duração de 11 anos é dividida em primária e secundária. A primária (da 1ª a 6ª classe) e secundária (da 1ª a 3ª classe) perfazem um total de 9 anos de escolaridade obrigatória, excluindo dessa contagem a educação infantil que dura aproximadamente 2 anos. A educação secundária coincide com a formação técnica-profissional. Todo aluno é obrigado a escolher uma formação profissional técnica por volta dos 12 ou 13 anos de idade. Ao ingressar na educação secundária, o aluno se prepara para as vagas técnicas existentes (padeiro, marceneiro, vendedor, pintor, telefonista etc.).

No entanto, quando o aluno conclui a 3ª classe da educação secundária, por volta dos 14 e 15 anos, e não se sente preparado profissionalmente, ele ainda pode frequentar a escola por mais um ano com o objetivo de aprimorar sua formação técnica. Para além disso, o sistema educacional suíço é altamente descentralizado. A responsabilidade pela elaboração e concretização das políticas é de cada cantão (estado). A idade mínima para entrada na escola oficial é de 6 anos, para frequentar a 1ª classe.

Grande parte dos alunos sai da escola primária de seis anos para frequentarem ensino secundário de caráter tecnológico ou profissional, chamada de *Fachhochschulen*, cuja estrutura curricular depende de cada cantão. Só os melhores alunos é que seguem a via acadêmica do secundário, chamado *Gymnasium*, que se destina preferencialmente a preparar os alunos para o acesso às melhores Universidades da Federação Suíça. Há também currículos diversos consoantes a

⁸ Externo os agradecimentos pela tradução da Língua Alemã (Deutsch) para a Língua Portuguesa, fator decisivo no desenvolvimento da pesquisa.

⁹ Agradecemos ao Senhor Meinrad Leffin, diretor da escola secundária Staffelnhof, em Luzern – Suíça, pela entrevista e esclarecimentos acerca do contexto da educação da escola dirigida por ele.

cada cantão. Há escolas que enfatizam as Artes, outras a Matemática e as Ciências e outras ainda as Humanidades.

Como visto, a formação superior é privilégio de poucos, no entanto, para a massa sobrejante, a educação profissional facilita o ingresso no mercado de trabalho. Um dos grandes diferenciais observados em relação à formação técnica e superior é que não há grandes discrepâncias entre os salários. Um exemplo típico encontrado é o fato de um professor ser tão valorizado quanto um lixeiro, pois ambos exercem papéis fundamentais para a sociedade. Não é possível imaginar uma sociedade sem lixeiro, tampouco sem o professor.

O currículo da Educação primária contempla três disciplinas relacionadas ao ensino de línguas¹⁰, que são o Inglês, Francês e Deutsch (língua nativa). Especialmente o Deutsch, a língua oficial, está subdividida em ortografia, gramática e produção textual. Matemática, Artes Visuais, Música, Esporte, Mundo 1 (Geografia e História), Ensino Religioso e Ciências (os seres humanos e o meio ambiente) são as demais matérias estudadas. A quantidade de disciplinas se assemelha às matrizes curriculares em uso no Brasil. A nomenclatura ano (ex: 5º ano) conforme utilizada no Brasil, é substituída pela nomenclatura classe (ex: 4ª classe). Em relação ao modelo inclusivo, o sistema educacional suíço não o aceita. Ao invés disso, separa os alunos por turmas de acordo com as suas capacidades. No entanto, para as turmas de alunos com baixas habilidades há uma orientação pedagógica diferenciada. A ideia é que os alunos dessas classes cheguem, ao máximo, à formação técnica.

Já o currículo da educação secundária contempla quatro disciplinas relacionadas à línguas, sendo o Inglês, Francês, Italiano e Deutsch. Matemática, Pessoas e o Ambiente (Habilidades para a vida, História, Geografia, Natureza, Economia Doméstica), Design e Música, Sport e Ensino Religioso são outras disciplinas que o compõem.

A carga horária presencial dos alunos geralmente é bem extensa, no mínimo 1.020 h/a e no máximo 1.190 h/a em cada classe. Há aulas todas as manhãs e pelos menos três vezes por semana à tarde. Não há educação básica no período noturno, nem programas especiais, como educação de jovens e adultos - EJA. A maior parte dos alunos frequentam cursos profissionais, chamados de *Berufslehre*, logo após o

¹⁰ Em alguns Cantões Suíços (Estados) a Língua Francesa é substituída pela Língua Italiana.

6º ano de escolaridade. O curso profissional tem a duração de três ou quatro anos, permite estagiar em empresas e certifica para o exercício de uma profissão.

Os professores para atuarem na Educação Básica precisam falar fluentemente a Língua Inglesa, conhecer bem o Deutsch, saber tocar instrumento musical e conhecer as regras dos esportes. O nível de exigência para o professor é muito grande, no entanto, a profissão é bem remunerada e de grande prestígio social. Não existe um sistema centralizado de recrutamento de professores. A responsabilidade de recrutar docentes fica ao nível de cada cantão.

As escolas suíças são bem equipadas, possuindo instrumentos tecnológicos básicos em todas as salas de aula (Tv, Vídeo, Aparelho de Som etc.). Os alunos sentam em duplas com o objetivo de se ajudarem mutuamente. Esse princípio vygotskyano faz, segundo os relatos dos alunos, um diferencial muito grande no desenvolvimento das tarefas mais difíceis.

Todos os dias há tarefas para casa e a cobrança é rigorosa. Os alunos fazem suas atividades extraclasse para diferentes finalidades: aprender, não serem castigados, não terem o nome anotado na agenda etc. Comportamento e organização exemplar são avaliados com nota que ficam registradas no boletim individual do aluno. Ser comportado e organizado são deveres a serem observados por todos os educandos.

O papel básico da escola é o de buscar o maior desenvolvimento cognitivo do aluno. No entanto, quando há problemas, algumas providências são tomadas junto aos pais, professores e conselho tutelar. Outrossim, a maior parte dos alunos é aprovada automaticamente, o que faz da questão de reprovação ser um dado bastante modesto, ocorrendo com um percentual muito pequeno de alunos.

A ENTREVISTA: CONHECENDO A ESCOLA POR DENTRO

Com o objetivo de conhecer a escola por dentro, foi feita uma entrevista composta de dez questões subjetivas que foram respondidas pelo diretor Herr Meinrad Leffin, da Escola Secundária Schulhaus Staffelnhof da cidade de Luzern – Suíça.

De acordo com as estatísticas mundiais, a Suíça se destaca no quesito educação pública de qualidade, ficando entre os dez melhores países. A primeira questão tinha como objetivo entender os fatores que contribuem para esse sucesso. De acordo com o diretor são vários os fatores que levam o país a ter os resultados conhecidos. A estratégia da Suíça se efetiva na política do “oportunizar e exigir”. Os estudantes são bem assistidos em função da homogeneidade das classes sociais e não há grandes diferenças entre tais estratos sociais. A maioria das crianças tem tudo que é necessário para ter sucesso educacional. Desde a tenra idade já são conscientizadas de que o sucesso educacional no ensino primário e secundário é garantia de um futuro promissor. Para além disso, ter um currículo invejável é garantia de continuidade dos estudos. Isso não significa que todos os alunos têm que ter notas excelentes. Para os alunos de desenvolvimento mediano, a formação técnica é uma bom encaminhamento. No entanto, a formação na educação secundária está ligada diretamente à formação técnica. Todos os alunos têm que escolher uma formação técnica – garantia de empregabilidade muito próxima de 100%. Esses fatores contribuem para que a educação tenha excelência nos seus resultados.

Dando encaminhamento à entrevista, a segunda questão tinha como meta que se relatassem os principais objetivos da educação suíça. “Educação de qualidade para todos, exigir o máximo dos educandos, desenvolver educação numa turma heterogênea com diversas raças, credos e crenças, num contexto de multiculturalismo” foram respostas norteadoras dessa questão. Além de dominar a Língua Inglesa, conhecer bem o Deutsch e dominar as regras dos esportes, o professor só pode trabalhar numa única instituição, tendo sua carga horária destinada a estudos e preparação das aulas, que são feitas na própria unidade escolar.

Mesmo que tenha sucesso e que se configure entre os melhores resultados do mundo, a 3ª questão tinha como objetivo entender os principais problemas desafiadores para a escola suíça. Entre os principais problemas se destacam “indisciplina” e “baixo desempenho”. A escola aprioristicamente é a responsável por resolver esses problemas. Não conseguindo, os pais são acionados e em parceria com a escola o problema precisa ser resolvido. Se as questões continuarem, o conselho tutelar intervém e a partir daí os pais são “vigiados” e “intimados” a

encontrar a solução do problema. Essa decisão pode implicar na perda dos direitos dos pais sobre seus filhos. O Estado, em alguns casos, retira os filhos das famílias até que se resolva o problema apresentado pela escola. Sendo assim, leis rígidas obrigam as famílias a desempenharem melhor o seu papel de primeira educação não formal.

Em relação a aprovação automática, em voga no Brasil no últimos tempos e motivos de críticas e desmotivações por parte de inúmeros professores, a 4ª questão buscou caracterizar como era tratado a questão da reprovação no país. Foi esclarecido que não há escolas para alunos bons e alunos ruins. A escola precisa oportunizar meios para a promoção de todos os alunos. Reprovação não é a solução para a pouca aprendizagem. É cultural que o baixo desempenho na escola implica em dificuldade de encontrar um posto de trabalho na idade adulta. Os casos de fracasso escolar são pouco significativos para as estatísticas. Alguns aparatos pedagógicos são efetivados para os alunos com baixo desempenho e os testes apontam que reprovação não é frutífera para ninguém da comunidade educativa.

Sendo o rigor disciplinar uma das características da educação no país, a 5ª questão tinha como escopo compreender a relação entre disciplina rigorosa e bons resultados. Do ponto de vista da experiência do pesquisador essa relação seria confirmada, pois um dos problemas que promove o fracasso escolar está ligado à questão disciplinar. Alunos indisciplinados geralmente apresentam baixo desempenho. Assim, o rigor disciplinar foi confirmado como um dos quesitos que garante o sucesso escolar.

Ambiente bom de trabalho, boa disciplina dos alunos, alunos estudiosos e esforçados, são objetivos de qualquer educação que busque qualidade. No entanto, as escolas públicas brasileiras carecem dessas caracterizações. O que temos e está posto são professores que se frustram diante do desafio de ensinar turmas que geralmente não querem aprender e precisam cumprir uma matriz curricular. Muitos professores gastam a maior parte da aula se ocupando em controlar a turma em função da baixa disciplina.

Ainda em relação à entrevista, a 6ª questão buscava saber como se dá a valorização financeira do professor tendo em vista a exigência do trabalho pedagógico em sala de aula. A resposta dada foi que a profissão é muito bem valorizada. Ser professor não é um profissão para qualquer um, muito pelo contrário.

Como a profissão é exigente, paga-se bons salários. Uma característica bastante peculiar é que no país a diferença salarial entre a o professor e o médico não é tão grande em relação ao lixeiro e o padeiro, pois são profissionais cuja função social é significativa para a sociedade.

Sendo uma profissão de prestígio social, é de se esperar que poucos conseguem atender as exigências para ser professor. Esse era o objetivo da 7ª questão. Reforçando o que foi apresentado, ressaltou-se que para ser professor é preciso frequentar um curso superior e participar constantemente de cursos de capacitação. Outrossim, a cada 10 anos o professor deve voltar para a faculdade para uma capacitação mais longa. Isso pois o professor deve ter capacidade para desenvolver cognitivamente seus alunos, participar de reuniões periodicamente, ser dedicado. Entende-se que o excesso de trabalho tira a criatividade do professor, por isso só se pode atuar em uma escola. Criatividade é uma necessidade para o bom desempenho educacional do professor, frisou o diretor.

Buscando compreender o processo de ensino da matemática, objeto de estudo do pesquisador, a 8ª questão buscava entender quais os principais objetivos do ensino da matemática na educação secundária. Não se admite que o aluno termine a educação primária sem ter o domínio das operações básicas, devendo este também saber ler e escrever corretamente. A matemática é ensinada por meio de situações-problemas e cabe ao aluno dominar todo o arcabouço da disciplina, quesito mínimo para dar continuidade com sucesso nos estudos. A matemática é vista como disciplina equivalente a qualquer outra. Alguns alunos têm mais dificuldade que outros, isso é normal em qualquer processo, no entanto, aos alunos com mais dificuldades são dadas oportunidades para melhoria, aulas de reforço e trabalho de monitoria feito em sala de aula. Os alunos com mais facilidade sentam-se sempre com os que têm mais dificuldade de modo a interagirem, já que ser bom em cálculo é uma necessidade da sociedade atual.

É sabido que o mundo inteiro enfrenta grandes crises financeiras e até mesmo crises de paradigmas. Saber como a Suíça tem enfrentando a crise mundial era o objetivo da 9ª questão, porquanto querendo ou não ela atinge a todos os países. No entanto, a Suíça, por não estar na zona do euro, tem suas particularidades. Sendo um país relativamente pequeno em extensão e habitantes, com pouco mais 8 milhões de habitantes, a educação básica é um direito de todos,

sendo universalizada. Desse modo, o país consegue manter essas características de divisão igualitária das riquezas. Paga-se muito imposto, no entanto transporte, segurança, educação e saúde pública são instâncias de qualidade. Fala-se em crise, mas à população é garantida uma qualidade de vida invejável.

Finalizando o questionário, a 10ª questão tinha como finalidade compreender o processo seletivo de ingresso na educação superior. Alguns desafios foram postos: a educação superior não é um bem para todos, somente os melhores alunos chegarão ao ensino superior. A vida escolar do aluno na educação primária e secundária define se ele tem ou não perfil para o ensino superior, daí a questão da consciência dos alunos desde as primeiras classes para ter um bom desempenho escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inclusão e exclusão, uma combinação perfeita ou simplesmente um processo seletivo de uma sociedade capitalista? É intrigante uma nação que classifica seus estudantes no início de uma das fases mais complexas do ser humano, a adolescência. No entanto, quando são observados os resultados, disso denota-se um ato necessário que manterá o *status quo* de um país com excelência em educação.

Na educação suíça os indivíduos são classificados. Os que não têm grandes habilidades são excluídos dos processos mais avançados, mas incluídos nos processos elementares, de formação técnica: um antídoto inclusivo e necessário. Desse modo, a educação suíça exclui e inclui ao mesmo tempo.

Enquanto se acredita que o melhor da educação brasileira é promover o acesso a todos os estudantes às universidades, as estatísticas não mentem quando destacam que um número cada vez maior de pessoas estão chegando à universidade. É comum hoje ouvirmos a respeito da primeira pessoa da família a concluir um ensino superior. O que aparentemente seria uma grande conquista, traz implícito um grande questionamento: Com que qualidade cognitiva esse indivíduo está chegando à universidade e, o que é mais intrigante ainda, como estão saindo? Os questionamentos inquietam os educadores de todos os níveis de escolaridade.

Por um lado temos as escolas públicas sucateadas, prédios em péssimas condições de trabalho, professores mal remunerados que ensinam alunos desmotivados e despreparados para os desafios da sociedade moderna, que estão chegando à universidade por sistemas universais e especiais de ingresso (COTAS, PROUNI etc.). Por outro, temos as chamadas escolas privadas de ponta, de boa qualidade, cujo objetivo é preparar os alunos para os cursos mais concorridos e da elite, que agora estão começando a concorrer em condições semelhantes de acesso. À vista disso, diante de uma necessidade de inclusão, os desiguais são tratados de maneira equivalente. A melhor opção de um país que quer dar sua contribuição na formação dos indivíduos é promover condições para que todos os alunos oriundos de escolas públicas tenham condições de concorrer com a boa formação recebida, o que não condiz com a realidade.

A dívida ética, moral e de exclusão é histórica com a maioria da população, especialmente os pobres, negros e indígenas, gritam sociólogos e historiadores. Intrigados com esses discursos, as políticas de acesso à universidade acabam invertendo a lógica. Precisa-se de uma educação básica pública e de qualidade. O acesso à educação superior seria apenas uma consequência dessa conquista. No entanto, é normal saber que nossa escola pública não é de qualidade, mas o que importa é que a população está tendo acesso aos inúmeros cursos superiores.

As implicações para o ingresso no mercado de trabalho desse número cada vez maior de pessoas têm graves consequências. A lógica do mercado será um grande desafio para essas políticas que buscam a massificação da educação superior. Quanto mais oferta, menor o preço oferecido. Isso posto, conclui-se que teremos muitas pessoas formadas para poucos postos de trabalho. Mas quem fará os serviços elementares? Precisamos de uma lavadeira, de um lixeiro etc. Desse modo, depreende-se que a educação brasileira precisa se espelhar no sistema suíço em que nem todos precisam chegar à universidade, pois aqueles que ficam perdidos no meio do caminho são valorizados, visto que desempenharão funções no mercado de trabalho que as pessoas mais estudadas não se sentirão aptas a fazer.

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. 7 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 [Coleção Leitura].

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez Editora, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da educação**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A Educação que ainda é possível: Ensaio sobre uma cultura para a educação**. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007. 198 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.